

Quem salvou John Kle?

*Estranhas fontes de energia forneceram a John
a força de que precisava para se salvar
naquela noite em que caiu nas águas frias e tempestuosas*

JOHN KLE

FOI tão rápido que nem vi o que bateu em mim. Estávamos já no fim da tarde de 30 de junho de 1975; meus amigos Peter e Bart e eu íamos velejando no estreito de Long Island, cortando ondas de quase dois metros, encapeladas por um vento de 20 nós, parte da cauda do furacão Amy. Nisto, um cabo emaranhou-se perto da proa e, quando eu ia ajeitá-lo, uma enorme vaga bateu violentamente na popa, atirando o pequeno barco para estibordo. Subi no ar e, quando descí, já não havia convés sob os meus pés; fui cair diretamente na água. Senti o choque da água gelada sobre a carne. Não estava usando colete salva-vidas e, assim que a popa do barco desapareceu por trás de uma violenta rebentação a sotavento, comecei a me encher de medo e a compreender que, depois

de 20 anos de vida no mar, me encontrava frente a frente com a morte.

Podia ver Bart e Peter esforçando-se para porem o barco contra o vento. Quando a embarcação foi dominada, já se encontrava a uns 80 metros e eu era apenas um grão de areia no meio das impetuosas ondas. Ao chegar ao topo de cada onda, podia vê-los procurando por mim, e acenava com minha camisa de lã no ar, na esperança de que eles divisassem aquele pequenino ponto colorido entre as enormes ondas. Bordejaram pela minha esquerda. Bart vinha na proa à minha procura, enquanto Peter lutava com o leme. Ventos que variavam de brisas fortes a rajadas de temporal assobiavam nos meus ouvidos; ondas batiam com violência em meu rosto. *Agora eles vão me ver, pensei.*

Não me viram. O barco desapareceu novamente. Eu estava só. *Chegou minha vez, imaginei.*

Desembaracei-me rapidamente de meus sapatos-tênis e de minha camisa. Lembrei-me de um estratagema que aprendera nas aulas de salvamento. Amarrei as bocas das pernas de minhas calças e enchi-as de ar, transformando-as num flutuador. Com duas viradas de 360 graus na crista das ondas, vi que estava aproximadamente no meio do estreito, a cerca de sete quilômetros de Long Island. Eram mais ou menos 7:30 da noite, duas horas antes do crepúsculo. Devia tomar uma decisão: Para que praia iria nadar? Talvez tenha sido o instinto doméstico, mas optei imediatamente por Long Island, onde minha esposa, Debbie, e eu moramos. A imagem de Debbie, de certo modo, aliviou o desespero de minha situação. Momentaneamente, o medo desapareceu e a confiança se instalou em mim enquanto me preparava para a tarefa: *Trate de salvar-se, porque ninguém vai encontrá-lo nesta tempestade.*

AS CALÇAS flutuadoras deixavam escapar o ar nelas contido, mas tentei reenchê-las duas vezes antes de abandoná-las. A fadiga estava se instalando. O medo voltava. O frio era o inimigo. Suas garras geladas já penetravam em minha espinha. Braçadas frontais, laterais, novamente frontais. Nas cristas das ondas, a rebentação espancava meu rosto enquanto eu lutava

contra o vento. Tentei boiar de costas, mas uma rebentação cobriu meu rosto e bebi, sem querer, alguns goles de água. O sal me queimava os pulmões e meu corpo se contraía, arquejando violentamente. Estava me afogando. A água que eu tanto amara durante toda a minha vida tentava me matar. *Fique calmo, não lute, colabore com os elementos.*

Meu corpo reagiu. Eu estava bem. Pensei em Debbie, e o simples pensar nela me trouxe novas energias. Imaginei como me custaria deixá-la.

O Sol estava descendo no horizonte e a luz se tornava avermelhada. Observei o céu em mutação, enquanto dava minhas infundáveis braçadas laterais. Aquele deveria ser meu último pôr-de-sol; estava sendo enganado por sua beleza, levado pelos ventos. O barulho longínquo de um motor chegava não sei de onde. Virei-me e vi um pequeno avião diretamente por sobre minha cabeça. Acenei-lhe, mas o piloto não me viu.

Eu estava usando o Empire State como referência para medir minha progressão. Tinha sido mínima. *Meu bom Deus, nunca Lhe pedi nada anteriormente, mas ajude-me agora.* Aquela pequena oração parecia minha única esperança.

Enquanto continuava lutando, novas energias chegavam – de onde, não sei. Restavam-me apenas 15 minutos de luz do Sol, e ainda tanto para vencer. Decidi

que, se morresse, isso só aconteceria depois de uma encarniçada luta, depois que desse tudo de mim.

AO ANOITECER, divisei um pequeno objeto em meu caminho: era uma bóia marcando um covo para lagostas. Foi um pequeno milagre que eu tivesse nadado precisamente em direção àquele pequeno salva-vidas. Se tivesse me desviado dez metros para a esquerda ou para a direita, não o teria achado. Agarrei-me à bóia e descansei por 30 segundos – coisa de que estava precisando desesperadamente. A bóia não se achava presa por uma conexão automática de mola, mas sim por nós. Se, ao menos, eu conseguisse desfazê-los! Meus dedos dormentes pelejaram com os nós endurecidos pela água salgada. Por fim, relutantemente, eles se desfizeram. A bóia era minha, enquanto a noite me engolia.

Aquela pequenina amiga se aconchegou debaixo do meu braço como uma bola de futebol; eu mal conseguia manter o peito fora da água. Agora, podia descansar de vez em quando. Orientei-me por uma luz forte da praia de Long Island (parecia estar a uns cinco quilômetros de distância), e comecei tudo novamente com redobrado esforço e confiança. Nadei continuamente, mudando a bóia de um lado para outro. Só podia descansar por alguns segundos. Antes que os braços e as pernas enrijecessem com o frio, comecei a me movimentar nova-

mente. Nunca estive tão gelado. Olhando para oeste, as luzes do Empire State me indicavam que estava fazendo algum progresso, e, de seu brilho, eu sentia uma energia que me renovava as forças. Calculei que fossem umas dez horas da noite.

Subitamente, a escuridão foi varada pelo poderoso fecho de luz do holofote de uma lancha da Guarda Costeira. Focalizava exatamente sobre mim; depois, um barco passou, a não mais de 100 metros. Olhando o horizonte em volta, vi as luzes de uma meia dúzia de lanchas da polícia e da Guarda Costeira, e três helicópteros que esquadrinhavam as águas à minha procura, com seus potentes holofotes e brilhantes foguetes de busca. Sabia que Peter e Bart se encontravam numa das lanchas, e o fato de admitir que eles estariam olhando me dava mais alguma força.

Repentinamente, a água em torno de mim brilhou com a luz de um holofote. Voltei-me para acenar ao helicóptero que pairava a apenas uns 70 metros de distância e engoli mais água espirrada em minha cara por uma rebentação. Num acesso de tosse, perdi a bóia. Não podia respirar. Minha mão reencontrou a bóia e apertei-a de encontro ao peito. *Fique calmo. Nada de pânico.* Mais uma vez podia respirar. Então, fui acometido de câibras nas pernas e fiquei mais de um minuto vendo se a dor passava. Podia sentir o pescoço e a

parte inferior da espinha começando a congelar. *Continue se movimentando, senão morrerá.* Novamente, de algum lugar, chegou energia, e minhas pernas fatigadas começaram a se mover. Estabeleci um ritmo: duas braçadas, respiração; duas braçadas, respiração. Iria mantendo aquele ritmo até que o frio ganhasse a batalha, meus dedos congelassem e deixassem escapar a pequena bóia — o que significaria a morte. *Oh, meu Deus, eu não quero morrer.* Outra onda de energia veio de algum lugar estranho e profundo, e, de qualquer forma, me manteve em movimento como se eu fosse um autômato. *Debbie, preciso de você.*

MINHAS pernas tocaram no chão. Não tinha forças para me rejubilar, mas apenas para manter meu avanço e subir pela praia rochosa em maré baixa. Quedei-me rígido sobre os pés e, agarrado à bóia, fui cambaleando em direção a uma casa de janelas iluminadas. Não sentia o chão sob meus pés; perdi toda a sensibilidade do corpo.

Minhas mãos insensíveis giraram o trinco de uma porta; não estava trancada. Entrei e, protegido do vento mortal, gritei: «Senhor, estou em sua sala de estar!» O dono da casa apareceu e, quando viu meu aspecto pálido, foi correndo buscar cobertores. Levou-me para junto da lareira e me deu uma sopa quente. Eram 12:30 da noite. Balbuciei minha história por entre o bater de dentes, para que

ele chamasse a polícia e dissesse que eu tinha conseguido chegar à praia. Daí a pouco, Debbie veio e me levou para casa: para o calor, o amor, a segurança, o futuro.

LOGO depois que os jornais noticiaram minha história, recebi um telefonema de Buck, outro dos meus amigos que costumavam velejar. Estava completamente emocionado quando me contou o seguinte incidente:

«Na noite em que você caiu na água, minha mulher e eu estávamos passando de carro em frente ao Empire State Building, quando vimos uma vaga para estacionar o carro bem na entrada do prédio. Como nunca tivéssemos subido ao topo do Empire State, resolvemos descer e ir até lá. Eram mais ou menos umas dez horas. Apontei para o vazio negro do estreito de Long Island, e disse a Sue: 'Foi lá que John e eu fomos velejar na semana passada.' Ainda falando de você, pus uma moeda no binóculo automático e fiquei olhando para o mar escuro onde você estava nadando naquele preciso momento.»

Ouvi sua história e, mais uma vez, me senti tirando o rumo pelas luzes do Empire State. Lembrei-me do calor, da força e da orientação que aquelas luzes me deram. Estaria eu recebendo algum tipo de energia que Buck e Sue transmitissem para mim?

Alguns dias depois, recebi uma carta de outro amigo íntimo, Hitch, que estava passando férias

nas Caraíbas. Era datada de 30 de junho. Tinha ficado sentado na praia pouco antes de me escrever, e havia sido assaltado por estranhos e poderosos pensamentos em relação a mim. Era inteiramente impossível ele saber que, a mais de três mil quilômetros, eu estava lutando contra a morte. Fui novamente transportado para aquela terrível escuridão, para os meus inúteis pedidos de socorro e meus desesperados sentimentos e temores, seguidos por uma inexplicável confiança que me fazia sempre voltar à luta contra o meu terror, mantendo minha perseverança. Aquela energia estava vindo de algum lugar: talvez da minha primeira oração verdadeiramente sincera, talvez das águas longínquas das Caraíbas, ou do alto do Empire State, ou de Peter e Bart a bordo da lancha de socorro... ou da pequena casa em Sea Cliff, onde Debbie estava me esperando.

Será que eu fui posto à prova naquela noite – ou protegido?

Dez dias depois do acidente, eu estava ainda refletindo sobre o as-

sunto, quando meu amigo Hitch foi me visitar. Ouviu com atenção o meu relato, e foi para a cozinha ajudar Debbie a preparar o jantar. Alguns minutos depois, voltou como uma bala para a sala de estar, de olhos esbugalhados, arrastando pela mão Debbie, amedrontada.

«Olhe aqui», disse, «você pode não acreditar nisto, mas, na semana anterior à sua queda na água, tive um pesadelo em que via sempre e repetidamente os algarismos 9, 7 e 8. Eles me acordaram e, cada vez que eu ia adormecendo novamente, apareciam: 9, 7 e 8. A experiência me amedrontou tanto que resolvi contar tudo a minha irmã. Ela insistiu para que eu esquecesse o assunto, e eu o consegui... até este momento.»

Ele e Debbie ficaram olhando para mim. Intrigado, perguntei o que tudo aquilo queria dizer. Debbie voltou à cozinha e reapareceu trazendo a pequena bóia que tinha salvo minha vida. Entalhado em sua superfície, podia ser lido o número de registro: 978.



OS TANZANIANOS que pretendem ingressar na Universidade de Dar es Salaam são informados de que o requisito fundamental para admissão é a maturidade (muito mais do que o aproveitamento escolar) e que a melhor maneira de consegui-la é arranjando emprego. – S. M.

UM POLICIAL escreveu para James Michener, explicando como o autor do recente livro *Centennial* lhe salvou a vida. O guarda estava com o livro no bolso de trás das calças, quando houve um tiroteio no bar onde se encontrava. Uma bala atingiu-lhe a nádega, mas não conseguiu passar dos primeiros quatro capítulos.

– Funny Funny World